

# O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

---

TOMO 3.º 1.º E 15 DE MAIO E 1.º DE JUNHO DE 1846. N. 33, 34 E 35.

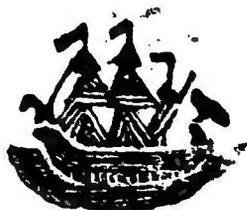
---

## MEMORIA

SOBRE A PLANTA DO ANIL,  
SUA CULTURA, E FABRICO DA TINTA  
EM DIVERSOS PAIZES.

---

COMPILADA E TRADUZIDA  
DE VARIOS AUTORES ESTRANGEIROS,  
E OFFERECIDA AO  
PÚBLICO DE MINAS GERAES  
PELO COMPIADOR E TRADUCTOR  
JOAÕ MORGAN.



---

Pode-se dizer que as artes imitam a natureza, ou que a aperfeiçoão. Nem por serem mais praticaveis se devem considerar menos nobres; porque a intelligencia, que possuímos, nos foi communi- cada afim de a pormos em acção, e aquelles estudos, que não se dirigirem a huma proveitosa pratica, podem com toda a razão re- putar-se estereis.

---

## INTRODUÇÃO.

O importante objecto de que presentemente se trata, e sobre o qual se deseja chamar a attenção do publico mineiro pelos motivos expendidos no nosso precedente tratado familiar da historia natural do bicho da seda, foi até aos principios do seculo, em que vivemos, de consideravel exportação do Brazil, e principalmente do porto do Rio de Janeiro, em cujas vizinhanças a cultura da planta do Anil, e a elaboração da tinta, que d'elle se extrahe, dava proveitoso emprego aos habitantes d'aquella provincia. Porém, seja pela incuria, ou ineptidão dos antigos fazendeiros, e de seus empregados, ou pela falsificação da tinta, ou por que os progressivos melhoramentos introduzidos no fabrico deste genero em outros paizes, operassem a produção do Anil com qualidades mui superiores ao do Brazil, o certo é que este foi perdendo pouco a pouco o seu credito nos principaes mercados da Europa; e por consequencia deixando de ser hum objecto de cul-

---

tura lucrativa. Na provincia do Rio foi despresado para dar lugar ao caffè, e outros generos mais proveitosos; e apenas se cultiva hoje em ponto mui limitado na Ilha Grande para o gasto do paiz.

Das diversas especies de Anil, que apparecião nos mercados do mundo velho, as de Guatimala, e de Caracas gozavão da preferencia dos tintureiros, e fabricantes; mas presentemente o Anil de qualidade fina, e superfina da India é o mais estimado, e obtem os melhores preços nos principaes portos da Europa.

A cultura do Anil na India é, comparativamente, de mui proxima data, tendo principio em Bengala pelo mesmo tempo da sua decadencia no Brazil; pois que no principio d'este seculo ainda não havia chegado a ser genero de exportação d'aquelle paiz se não em pequenas porções; porém tal foi a sua rapida produção promovida pela industria, e perseverança de capitalistas inglezes que ja no anno de 1829 a exportação de Bengala e Madráz chegou a ser perto de seis milhões de libras de pezo; e hoje calcula-se ser de vinte cinco a trinta mil caixas, excedendo em valor ás outras exportações do continente do Indostão.

O Brazil possui todas as vantagens de solo e clima, que existem n'aquelles paizes onde esta planta se

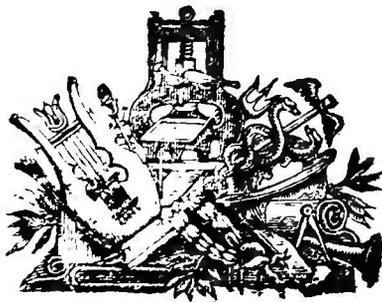
cultiva com proveito. A sua cultura, e manipulação não requerem grandes capitães; e por tanto o Anil constitue hum objecto bem digno do estudo, e da attenção do povo mineiro: por quanto a experiencia tem mostrado evidentemente o immenso proveito, que as outras nações tem resultado deste ramo de industria, e que tão somente de nós mesmos depende crear mais esta interessante vertente para accrescentar, e acompanhar a fonte perenne da futura prosperidade da provincia.

Considerando-se que o Anil é indigena deste continente; que nasce espontaneo, e quasi sem distincção de exposição, ou de qualidade de terreno; que a cultura d'elle é facilima; e que o valor de sua tinta, sendo esta de perfeita qualidade, ás vezes sobe ao preço de 3:200, e mesmo de 3:600 por libra nos mercados da Europa, rasqavelmente se poderá prever que os mais felizes resultados hão-de coroar os esforços daquelles cultivadores, que se dedicarem á producção de tão interessante genero.

Alem do progresso incommensuravel que tem feito a producção do Anil na India Ingloza, Mehemet Ali, celebre Vice-Rei do Egypto, a cuja perspicacia, e sagacidade nada escapa que elle possa ser proveitoso, mandou em 1818 fazer extensas plantações de Anil nas

fertes bordos do Nilo onde se obtem annualmente colleitas consideraveis.

Não obstante porem as grandes importações deste genero, ou materia colorante em todos os portos da Europa, nenhum effeito tem ellas produzido sobre os preços, pois que as fabricas, por toda a parte augmentando em numero, e multiplicando productos, a tudo dão consumo; de maneira, que por esta parte não ha razão de se temer hum excesso de producto a ponto de se ver prejudicado o cultivador, que se esmerar em offerecer ao commercio hum Anil de perfeita qualidade, e que se não deixa desacorçoar pelas difficuldades, que são inseparaveis de todas as novas emprezas ate que se desvaneção com a experiencia,



## MEMORIA SOBRE A PLANTA DO ANIL.

## HISTORIA NATURAL DA PLANTA

Mais de sessenta são as variedades d'esta planta, conhecidas na botanica com o nome generico de Indigóferas.

Pertence ao genero *Diadelphia Decandria*, e á familia das leguminosas, algumas das quaes são objectos de proveitosa cultura nos paizes d'entre tropicos, e com especialidade na America central, e meridional; na Africa; e na India oriental; por quanto fornecem huma secula azul, e distinguem-se das outras de qualidades menos uteis debaixo das seguintes denominações, a saber:

<i>Indigófera tinctoria</i>	ou Anil
<i>Indigófera indica</i>	„
<i>Indigófera glauca</i>	„
<i>Indigófera senegalensis</i>	„

Em tempos mui remotos, os Romanos tinham noticia da existencia d'esta planta, pois que Caius Plinius faz menção della no primeiro seculo da era christa, e diz que se cultivava na India alem do Rio Indus, e que della se obtinha huma tinta azul.

O objecto presente é tratar só da *Indigófera tinctoria* que se suppoem indigena d'este continente da America, e que em mui pouco, ou nada difere das outras tres acima mencionadas, pelo menos em quanto aos resultados ainda que exista huma pequena differença na apparencia das plantas.

A *Indigófera tinctoria*, ou Anil, é huma planta ou arbusto que cresce até á altura de tres, quatro, e mais paços em hum talo direito, cylindrico, duro e quasi ligneo; ramoso, folhetado, de côr esbranquiçada na parte

superior, orde é guarnecido de miudíssimos pellos encostados. Suas folhas são alternadas, petioladas aladas, impares e compostas de nove a dez folhas parciaes, de figura oval, obtusas inteiras, de hum verde escuro na parte superior, pallido na inferior, chegando raras vezes a ter huma pollegada de comprimento.

Estes foliolos em certas folhas são iguaes, e em outras o foliolo do vertice é mais comprido. Os appendices do peciolo são mui pequenos, e pouco distinctos.

Nas axillas das folhas nascem hums cachinhos mui curtos, simples cônicos, quasi em espiga sempre menos compridos que as folhas, e guarnecidos de pequenas flores de cor verde avermelhada, ou róxa. Seus calices são curtos, guarnecidos de diminutos pellos brancos encostados. Os fructos são humas bainhas lineares, de sete a dez linhas de comprimento, todas arqueadas para cima em forma de pequenas fources e contem desde cinco a sete sementes obtuso-quadrangulares, tendo alguma semelhança com os graos de polvora.

#### CULTURA DA PLANTA NA AMERICA CENTRAL, MERIDIONAL etc

Diversos são os methodos praticados em differentes partes; e como o principal designio da presente memoria é contribuir para o aperfeiçoamento de nossa industria promovendo util, e extensiva cultura d'esta planta, julganos conveniente descrever o que se pratica em alguns paizes, a fim de proporcionar a cada um dos nossos leitores os meios de poder ajuisar qual d'estes methodos possa nelhor convir-lhe, seja pela posição, ou qualidade de seu terrenó, e que mais proveitoso seja em se seguir, e até de poder experimentalos todos; por quanto a experiencia é tão somente o que pôde decidir a este respeito, e produzir a perfeição.

Na provincia de S. Salvador de Guatimala situada na America central, entre 11 e 17° de latitude septentrional

escolhem para esta planta os terrenos fortes e humidos; empregão pouco trabalho na elaboração d'elles cobrem as sementes com tres a quatro pollegadas de terra, e no fim de dous mezes a planta apresenta-se na mais bella disposição.

No valle de Cumanácoa em Caracas (Venezuela), situado neste continente a 10° de latitude meridional empregão-se na cultura desta planta terras pulverisadas e ligeiras que ha o cuidado de bem esgotar antes de serem cavadas; a muita humidade cria plantas viçosas, porém o producto de sua tinta é muito inferior ao das plantas creadas em terrenos mais arenosos, e soltos e onde só chave quanto basta para nutrir sem alagar a sementeira.

Na colonia franceza do Senegal na Africa que fica pouco mais ou menos na latitude boreal de 13° na Guiana que confina com a nossa provincia do Pará; e na ilha de S. Domingos (Haiti) huma das que compoem o archipelago no mar Caribêo conhecido com a denominação de Indias occidentaes, situada entre os 17 e 20° de latitude boreal preferem-se para esta cultura os terrenos novamente derrubados; por que considerão-nos como mais fortes, e que melhor conservão a justa proporção de humidade, e frescura necessaria para a perfeita criação da planta.

Quando a terra é forte a planta cresce mais vigorosa; sendo fraca e solta a planta rende maior porção de fécula, ou materia colorante em proporção do volume.

Sempre se procura proporcionar a estas plantações abrigos sufficientes, ou naturaes, ou artificiaes contra os ventos fortes; e por isso, quando cabe no possível preferem-se fazer a sementeira nas bordas dos matos ou em valles; e quando isso não é conveniente fazem se plantações de humeiras, juncos e de outras semelhantes vegetaes de rapido crescimento n'aquelles lados de que costumão soprar os ventos mais fortes, para impedir os danos, que poderiam ser causados por taes ventanias.

A's vezes succede nesses climas que os ventos ardentes

queimão as folhas das plantas, e especialmente as das mais novas, e tenras; os sóes fortes depois de haver cahido muita chuva produzem o mesmo damnoso effeito; e n'esse caso cortao-se as partes queimadas com facas bem afiadas para dar lugar a resarcir o prejuizo com os novos rebentos.

Como n'estes lugares os sóes ardentes enxugao o terreno rapidamente e no estio costumão sobrevir trovoadas quasi todos os dias acompanhadas de grandes chuvas, que levão a superficie do terreno, não é uso cava lo fundo, mas soltao-no somente com enxada quanto baste para dar-lhe a competente monda.

Costuma-se semear o Anil quando houver passado a maior força das aguas, e antes de entrar a sêcca a fim de que as plantas novas nao padeção; e esta operação sempre se faz em dia chuvoso, ou n'aquelle em que a chuva esteja imminente.

Em algumas partes fazem as sementeiras como nós plantamos o milho, e o feijão abrindo covas em distancia de nove a doze pollegadas humas das outras, de quatro pollegadas de largura, e de duas ou tres de fundo, lançando oito a dez sementes em cada cova, e cobrindo-as depois com os pés.

Outros plantão a semente em regos abertos em linha recta; e alguns levantão a terra em camallhões.

De ordinario quem lançou a semente á terra em tempo secco, sem regar a planta pelo menos dous, ou tres dias a fio, perdeo o seu trabalho.

Quanto mais fresca é a semente, mais certeza ha de vê-la nascer toda; a que for guardada por mais de dous annos depois de colhida, raras vezes cresce, ou produz plantas mui definhadas e improductivas.

Em circumstancias favoraveis, e por se haver empregado semente bem madura e fresca, a nova planta nasce em tres ou quatro dias.

Alguns cultivadores costumão pôr a semente de mólho por algumas horas antes de plantá-la; porem quando o tempo for chuvoso, e a terra por consequencia estiver humida essa precaução é desnecessaria.

Em cinco dias, pelo menos, depois de nascidas as novas plantas, mondão o terreno de todas as hervas parasitas que tambem nascem com o Anil e que brevemente o soffocariao. Este serviço é feito com o auxilio de pequenas sacholas, e com muito cuidado para não arrancar as plantas.

As mondas continuão de quinze em quinze dias até as novas plantas adquirirem força, e vo uma sufficiente para se defenderem contra as hervas intruzas; por quanto de taes mondas depende não somente a boa vegetação da sementeira mas tambem a boa qualidade do producto em sécula; por isso que deixando-se crescer as hervas parasitas, estas alem de acabrunhar o Anil, roubão a substancia da terra; e na colheita é difficil cortar-se a planta sem ser acompanhada de hervas nocivas á fermentação, e ao desenvolvimento da materia colorante.

No decurso de dous ou tres mezes, pouco mais, ou menos e segundo as numerosas circumstancias dos climas, localidade, expozição &, as plantas ficão maduras, as folhas principião a tornar-se mais escuras os botões das flores desenvolvem-se, e apenas estas se dispoem a abrir, faz-se o primeiro corte com fouces bem amoladas huma pollegada acima da terra, e levão as plantas em lençoes aos braçados, ou em carros para o lugar do fabrico do Anil.

Torna-se a fazer o segundo corte seis ou sete semanas depois do primeiro; e ás vezes succede fazer se mais cortes segundo a maior ou menor fertilidade do terreno ou o estado mais ou menos humido, tanto do mesmo terreno, como da atmospherá.

A primeira colheita é quasi sempre a mais abundante, e as que se seguem vão diminuindo em quantidade excepto quando exista huma mui rara combinaçáo de cir-

cumstancias favoraveis ao cultivador; e bem que a planta por ser perenné pòderia continuar a fornecer folhas por 2, 3, 4, e mais annos consecutivos com tudo é costume geral arranca-la no fim da segunda ou terceira colheita, excepto quando a sementeira se tenha feito em nova derrubada de mato virgem, ou de capoeira grossa, em lugar abrigado e que conservé bem a humidade; por que em tal caso aproveita-se a mesma planta para della se obter outras colheitas no anno futuro e com menos trabalho.

Não consta ser costume geral estrumar-se o terreno; porem a pratica tem ensinadô que de semelhante beneficio grandes vantagens se hão colhido tanto pelo que diz respeito á qualidade, como á quantidade do Anil, essencialmente em terras cansadas, e mediocres.

#### CULTURA DA PLANTA NA INDIA ORIENTAL

Bem diverso é o systema de cultura adoptado no Indostão desde que os povos d'aquelle continente e em especial os habitantes das presidencias de Bengala e Madrás, situadas entre 12 e 28º de latitude septentrional movidos pelo impulso dado á cultura por intermedio da companhia da Índia Britannica, e por empresarios particulares, se tem dedicado a este util ramo de industria.

Dá-se n'aquelle paiz a preferencia a terras ligeiras, férteis, e que mais expostás se achão ao calor, especialmente a novas derrubadas; por que estas conservão melhor, e por mais tempo a competente humidade. Escolhem lugares abrigados dos ventos rijos, e que no caso de continuada falta de chuvvas possão ser facilmente regados, ou alagados. Preparão o campo destinado á sementeira com o arado, ou cavão-no com enxadas tirando-lhe todos os tócos, e cepos de arvores e pulverisao bem a terra, quebrando todos os torrões com huma grade de páo, guarnecida de dentes de ferro, e puxada por animaes cavallares, ou á

euns, operação esta que se faz com o soccorro de hum limitado numero de trabalhadores.

Quando chove, ou está para chover semêao em pequenos regos direitos de duas pöllegadas de fundo, e de nove a dez distantes uns dos outros, cobrindo-os depois de lhes ter dêitado a semente, ou lanção a mesma semente avulsa, passando-lhe por cima huma pedra roliça. Porém o primeiro método posto que mais trabalho-o para quem não possui a competente machina de abrir regos, e semear ao mesmo tempo como se usa em Inglaterra, comtudo é preferido não só por ser mais productivo, mas até por causa da maior facilidade com que effectivamente se pôde inondar a sementeira.

Com tanto que a semente apanhe chuva quando se lança á terra, e nos primeiros dias depois do nascimento da plânta, não tratao de rega-la por fortes que sejam os sóes, ou por continuada que possa ser a secco; por que, como cavão bem a terra e a planta tem raiz fusiforme, isto é, em forma de fuso, e d'este perpendicular até a profundidade de tres a quatro palmos, a humidade, que ella absorve, e os copiosos serenoz nocturnos d'aquelle clima, absorvidos pelas folhas bastão para seu alimento, e para mante-la em seu devido vigor. Porém não havendo chuva pouco depois de nascer a planta, costumão rega-la hum, ou dous dias consecutiuos, ou a inondar a sementeira moderadamente para humedecer a terra. Havendo tempo nebuloso, ou mui humido a plânta medra com extraordinario viço; porém produz comparativamente pequena porção de fécula azul.

Como as plantas novas produzem folhas maiores, e mais abundantes, costuma-se renovar a sementeira todos os annos em terreno fresco. Com tudo, alguns preferem deixar as mesmas plantas na terra para dellas hir tirando proveito no segundo e até no terceiro anno; o que os bons cultivadores não approvão; e a qualidade do Anil raras vezes

é tão perfeita como nas safras das plantas quando são novas; porem os proprietarios de terrenos extensos, e que tem muitos trabalhadores, costumão utilizar-se frequentemente do producto da planta no segundo anno.

Amiudadas são as mondas que se praticão, pelo menos, durante o primeiro mez do nascimento da planta. Dentro de dous, ou tres mezes a planta está sufficientemente perfeita para se colher; o que se conhece pela mudança quasi repentina da côr das folhas, que sendo de hum verde claro, mudão-se em verde escuro; e é então que costumão fazer o primeiro corte em distancia de quatro a cinco pollegadas da superficie da terra. Diz-se que a boa qualidade do Anil muito depende da attenção, e vigilancia do cultivador neste ponto essencial. Fazem o corte com pequenas fouces de segar bem amoladas para não rasgar, nem offender os pés das plantas, e isto em tempo secco; e levão os ramos em feixes para hum terreiro bem limpo, varrido e enxuto, ou poem-nos em cima de huma grade feita de varas encrusadas, e levantadas de tres a quatro palmos do chão; nella os espalhão virando-os de vez em quando até ficarem bem seccos ao sól, ou pelo menos até murcharem a ponto de não poderem fermentar; e tão somente cortão aquella porção de planta que julgão poder-se enxugar bem naquelle dia, tornando a expor os ramos ao sól no dia seguinte se assim for preciso, até estarem bem seccos.

Logo que as folhas da planta se tornão crespas, principião a bater os ramos no terreiro com varas para separar as folhas dos ramos, e ajuntão as folhas em montes com vassouras que se fazem dos mesmos ramos.

Depois levão as folhas em balaios, ou em saccoes para hum armazem enxuto e assealhado onde depositão as folhas em barricas, ou caixões; porem existindo a menor duvida relativa ao competente estado de seccura das folhas,

torçam a pô-las ao sol, e continuão estas operações até completar-se a colheita de toda a planta.

Não principião logo a fabricar o Anil com estas folhas; guardão-nas por hum mez, pouco mais ou menos, nas barricas, ou caixões, bem comprimidas com pesos; e durante esse tempo as folhas passao por humra mudança consideravel, que se manifesta pela transição da côr verde que d'antes tinham para humra côr de cinzento claro. Guardando-se as folhas alem d'aquelle periodo corre o risco de perderem aquella côr cinzenta, e tornarem se pretas; por isso os cultivadores costumão examina-las a miudo para colher o momento opportuno de começar o fabrico. por que se obtem maior porção de Anil das folhas logo que esta mudança se verifica para côr cinzenta; e qualquer demora, que depois d'isso possa haver, acarreta humra sensivel diminuição na quantidade da materia colorante.

A côr cinzenta porem nao apparece dentro de hum mez depois da colheita da planta, se esta não estiver bem perfeita quando se fizer o corte; e pelo contrario no caso de se haver adiado o corte até passar a verdadeira perfeição da planta, a transição das folhas para a côr cinzenta é mais rapida.

#### CULTURA DA PLANTA NO EGYPTO.

No Egypto, paiz mui arido da Africa, que pelo lado oriental confina com o Mar-Vermelho, e com a Arabia; é pelo occidente com os estados Barbarescos, e com o grande deserto de Sahara, e que fica entre 23 e 31° de latitude septentrional tambem se cultiva esta planta. O methodo seguido pelos Egyptios é proprio da natureza do sólo d'aquelle paiz geralmente esteril, excepto na extensão do Delta do Rio Nilo, que por suas inundações periodicas fertiliza annualmente o extensissimo valle por onde corre; alem

disto a elaboração das terras do Egypto nada tem de commum com o uso, e circumstancias dos outros paizes referidos; por tanto limitamo-nos aqui a fazer esta breve menção por que mais adiante teremos de descrever o methodo que os Egypteos seguem no fabrico do Anil.

#### DESCRIÇÃO DO FABRICO DO ANIL PELA EXTRACÇÃO DA FÉCULA.

Na America Central, em Caracas nas Antilhas e no Senegal seguem com mui pequena differença o mesmo, e seguinte methodo.

Construem tres tanques feitos de pedra e cal ou de grossas couçoeras de madeira capaz de resistir ao tempo, e á humidade, collocados de maneira que o liquido possa facilmente passar de hum para outros por meio de torneiras ou de aberturas tapadas com rolhas, ou botoques, que se abrem, e destapão á vontade.

O primeiro tanque, ou o mais elevado, que os francezes chamao trempoire e a que daremos os nomes de macerador ou mergulhador é muito maior do que os outros; e o tamanho d'elle é proporcionado á extensao, ou quantitativo da produçao do fazendeiro. Tem geralmente a quatorze palmos de comprimento; seis a nove de largura; e tres a quatro de profundidade; é guarnecido de huma grade para nao deixar passar as folhas, e tem huma torneira para dar saída ao liquido. Não é vantajoso fazer o tanque muito grande, por que a fermentação das folhas torna-se mui difficil quanto maior é a sua extensão; e dá-se-lhe no fundo hum declive imperceptivel para a parte do segundo tanque onde fica introduzida a torneira com a grade.

Este segundo tanque, la Batterie, ou batedor, é collocado quatro palmos mais abaixo que o primeiro, e adido a elle, é disposto de sorte que a parte posterior avança algum tanto debaixo da parte anterior do mergulhador.

comprimento, e largura do batedor é somente a metade do primeiro; porem mais fundo para se poder bater o liquido sem faz-lo saltar fóra; e tem tres torneiras, duas de huma banda em distancia de quatro pollegadas huma por cima da outra, que servem para deixar a agua pura; e huma no fundo na parte anterior para dar saída á fécula ainda liquida para o terceiro tanque,

O terceiro tanque, le-Reposoir, ou repousador, é o mais pequeno de todos; nelle se termina a principal parte da operação e que por via de huma abertura posta em conveniente distancia do fundo e nunca fechada, escoão-se as aguas não impregnadas da fécula, que a atmosphera não evapora.

Todos estes tanques construídos de pedra, tijolos ou madeira, são com todo o cuidado unidos para que o liquido não possa sahir delles se não pelas torneiras, ou pelos esgotos feitos de proposito e em épocas convenientes; e são collocados em lugar por onde corre agua limpida por que sem haver este ingrediente em abundancia, e perto, não se pode bem tratar de semelhante fabrico.

Nos quatro cantos do mergulhador, e da parte de dentro põem-se quatro estacas verticaes, em que assentão as taboas, que servem de impedir que os ramos, as folhas, ou o liquido saltem para fóra durante a fermentação,

Tres forquilhas dispostas em triangulo de ambos os lados do batedor, e ajustadas nas suas bordas, servem para apoiar os instrumentos com que geralmente se bate a agua impregnada de fécula.

Estes instrumentos que os francezes denominão Buquet, são formados de quatro taboas de seis pollegadas quadradas cada huma, pregadas em cabos de páo compridos que os trabalhadores movem á direita, á esquerda para cima, para baixo, em fim para todos os lados com o designo

de que se introduza no liquido a maior porção de ar que for possível. Com estes tres instrumentos devem trabalhar de accordo para prolariz todo o effeito, o que raras vezes succede sendo movidos por tres homens. Muitos cultivadores substituem os operarios por vaivens movidos com facilidade por hum só homem; outros porem mandão aos trabalhadores bater e agitar o liquido com humas páz, ou com qualquer outro engenho, que sirva para esse fim. Quando a elaboração é feita em grande escala, usa-se de hum jogo de espátulas postas em movimento por huma roda impellida pela agua, ou tocada por bois, ou por outros animaes.

A serie de operações que se segue para obter-se a fécula ou substancia colorante da planta, não é numerosa; porem estas operações estão sujeitas a muitas causas perturbadoras; de sorte que nunca se pode contar ao certo com resultados proveitosos, isto é, seguindo-se o tratamento, que agora se vai descrever.

Estando as plantas perfeitas, como ja havemos referido, e levadas ao lugar do fabrico lanção-se no mergulhador, onde se distribuem de maneira que não fiquem demasiadamente comprimidas, nem demasiadamente soltas; e cobrem se de tres a quatro pollegadas de agua limpa e corrente, tapando-se o tanque com taboas bem unidas que servem para impedir que as ditas plantas saltem para fóra durante a ebullição. A fermentação estabelece-se com maior ou menor demora segundo o gráo actual de calor da atmosphera; e nella se desenvolve hum grande porção de ar. A agua assume huma côr verde que depois passa a côr de violeta. Ondas de escuma apparecem e desaparecem alternativamente; hum gaz susceptivel de inflamar-se é expellido; e então começam a mover se as taboas da coberta. Esta agitação espontanea dura mais ou menos tempo conforme as circumstancias.

É necessario prestar-se muita attenção a esta fermentação para se poder ajuizar quando é chegado o tempo conveniente de faze-la parar; e por isso vai-se botando de vez em quando hum pouco de liquido fermentado, e tirado de diversas alturas do tanque em huma tigela de prata, e observando-se o progresso da fermentação.

Quando a fermentação chega ao gráo conveniente á preparação da fécula, esta precipita-se em grãos, bem caracterisados no fundo da tigela, ou forma hum circulo ao redor da borda della a principio verde, e depois azul, precipitando-se finalmente no fundo.

Em geral só com muita pratica é que se pode vir a conhecer bem o verdadeiro estado da materia contida no tanque durante o processo da fermentação.

A's vezes existem circumstancias inexplicaveis em que os signaes indicados nao sao infalliveis; e torna-se preciso a continuação destas indagações, e até recorrer-se a outras, como seja o gosto, o cheiro, etc. etc. do liquido, para se determinar o verdadeiro estado delle.

Se a fermentação não tiver chegado ao ponto conveniente, é por que a planta ainda contém huma consideravel porção de fécula, que é preciso deixar-se desenvolver no mergulhador; e se a fermentação exceder o gráo necessario para a devida extracção da fécula encerrada nas plantas submergidas, corre o risco da decomposição e do apodrecimento da fécula, o que se conhece quando infelizmente o liquido se apresenta de cor morena, e exhalando máo cheiro.

Logo que se verifica o desejado gráo de fermentação, o que por consequencia toda a fécula se acha separada dos parenchymas, ou visceras das plantas por motivo de destruição dellas faz-se o trasfêgo de todo o liquido, pela torneira de baixo munida da grade pela parte de dentro, para o batedor, onde se agita em todos os sentidos por qual quer dos modos acima prescriptos.

Dois são os motivos por que se faz esta operação com o liquido impregnado da fécula colorante taõ somente em suspensão, e não em solução como alguns tem pensado. O primeiro é para pôr a fécula em contacto com o ar atmosphérico, que lhe fornece o oxygenio necessario para lhe dar a cor azul; e o segundo é para reunir as moléculas infinitamente miudas, e formarem se graos cujo pezo faz com que se precipitem no fundo do tanque.

O movimento dado pela agitação do liquido no batedor faz nascer huma quantidade de escuma que se dissipa lançando-se hum pouco de azeite no tanque.

Quando o liquido tem sido bastantemente agitado converte a cor verde, que tinha em azul escuro.

É impossivel prescrever se regra certa a respeito do preciso momento em que se deva suspender a agitação do liquido no batedor por que isso depende muito do estado da atmosphera, do grão de fermentação, quo a planta supportára e de haver sido o liquido bem ou mal agitado.

Em tempo frio, ou quando os trabalhadores são preguiçosos, ou negligentes, a operação dura mais tempo.

Recorre-se de novo á prova do liquido na tigela de prata para se poder decidir quando deve cessar a agitação, e isto a miúdo; por que o momento de parar chega quando os graos de Anil se apresentão grossos redondos, e quando se precipitaõ prontamente no fundo da tigela, deixando a agua transparente, posto que de cor amarellada.

Bastão ordinariamente duas horas pouco mais ou menos de descanso no batedor para que toda a fécula se precipite no fundo do tanque; porém não havendo motivo de pressa, melhor é esperar mais huma ou duas horas. A agua no tanque, depois do Anil se ter precipitado fica de huma cor de âmbar. Abre-se pois a primeira torneira de cima para deixar sair a agua sem perturbar o sedimento; e da

hi algum tempo abre-se a segunda torneira do meio por onde se faz sair lentamente aquella porção de agua que fica por cima do Anil precipitado. Pela terceira ou ultima torneira de baixo parallella com o fundo do tanque, se extrahе finalmente o Anil, que se assemelha a hum lódo azul, algum tanto preto, e que cõe dentro do Diablotin ou Diabrete, suspendido na boca desta torneira, e vem a ser hum sacco cuja boca é da largura de tres a quatro palmos quadrados, feito de panno grosso para deixar passar o Anil, detendo somente algumas fézes, que o possão acompanhar; e daqui escõa no terceiro tanque, ou repousador, onde adquire huma certa consistencia pelo esgoto successivo de huma parte da agua que ainda continha e pela evaporação da remanescente. Por ultimo, retira-se a fécula do repousador em quanto está molle, e põe-se em saccos de panno mais fino, que se suspendem até haver escorrido todo o restante da agua que ainda fica na massa ao sair do repousador, e mudasse para caixinhas chatas, que se expõem ao ar, de baixo de coberta, e onde o sol não bata, para adquirir mais consistencia.

Todos os dias examinão-se e com huma pequena troilha tapão-se as fendas produzidas pelo ar e por fim divide-se o Anil em pequenos quadrados, que se expõem ao sol até ficarem bem seccoos.

Neste estado porém o Anil ainda não se acha bem perfeito. É preciso pô-lo em caixões ou barricas, onde torna a fermentar de novo; excandece-se, emitta ainda alguns restos de humidade exala hum cheiro desagradavel, e por fim cobre-se de hum bolór branco e fino.

O Anil despeja-se no fim de hum mez, poem-se de novo ao sol e em cinco, ou seis dias pode-se enviar ao mercado; porém, durante os primeiros seis mezes não deixa de diminuir de peso.

Pondo-se o Anil a seccar é preciso ter o cuidado de afastar delle por meio de fumo, ou por outra qualquer maneira as moscas, e outros insectos que ahi podessem depositar os ovos, e cujos filhos nascendo introduzirião hum humor viscoso mui prejudicial á qualidade do Anil, e que muito diminuiria a sua quantidade.

Na India Oriental, isto é, no Indostão, muito diversifica do methodo acima descripto a manipulação da planta. Naquelle paiz não se servem, como ja referimos se não das folhas da planta, depois de estarem bem seccas, e de haverem adquirido huma cõr de cinzento claro. Tomão a porção competente destas folhas, e lanção-nas em hum tanque descoberto, de quarenta palmos de quadrado e de vinte seis pollegadas de profundidade; construido de pedra, ou tijolos com cal e forrado de estuque; cobrem estas folhas de agua corrente bem limpa na proporção do volume de seis partes de agua para huma parte de folhas deixando-as assim ficar por espaço de duas horas.

Bem se manifesta a grande afinidade do Anil com o oxygeno pela repentina mudança das folhas que nadão, na superficie e que ficão expostas á accão da atmosphera, mudança que apresenta hum azul-ferrete, tirando a preto, em quanto que nas outras, que ficão submergidas, não se descobre alteração alguma e por isso mexem-nas frequentemente para que todas fiquem mergulhadas com igualdade.

Depois de duas horas de infusão pouco mais ou menos, transferem a agua para hum segundo tanque; esta agua tem adquirido huma bella cõr verde pela impregnação, ou solução do Anil imperfeitamente oxygenado; lançaõ outra porção de agua, porem menor, sobre as mesmas folhas, para que por nova fermentação se absorva mais aquella porção de fécula colorante, que possa ter ficado nellas.

Este segundo tanque ou batedor é construido dos mesmos materiaes, porem com menores dimensões que o

primeiro, e tem de trinta e seis a quarenta pollegadas de profundidade. Dez ou doze trabalhadores agitam bem por espaço de duas horas o liquido, que de côr verde se converte em azul bastante escuro.

Agua corrente e limpa nas immediações dos tanques é indispensavel; agua de poço, de brejo, ou estagnada não serve.

A agitação conveniente da agua impregnada requer mais ou menos tempo, e em parte depende da previa preparação mais ou menos perfeita da folha, e tambem em parte da immediata influencia do sol. O criterio, que dá a conhecer que a operação é perfeita, e que se deve parar com a agitação do liquido no batedor, deriva-se do momento da separação das particulas colorantes, que se fazem visiveis deitando-se huma pequena porção do fluido numa vasilha de louça branca. Nesta conjunctura deita-se huma porção de agua de cal branca no tanque, previamente preparada numa barrica e tirada por huma torneira para sair bem clara e agita-se de novo a massa do liquido. Deixão-no repousar pelo espaço de tres a quatro horas, em quanto o Anil se vai precipitando no fundo do batedor; depois extrahe-se a agua, côr de vinho branco da Madeira, que nada sobre o Anil, por meio de torneiras, ou batoques, introduzidos huns por cima dos outros nos lados do batedor. Note-se que estas primeiras operações fazem-se ao ar em tempo secco, e claro na força do sol, para que este com o ar livre possa exercer a sua influencia sobre as plantas no desenvolvimento do calorico, pela separação do nitrogeneo, e na absorção do oxygeneo, o que contribue para a perfeição das operações. Extrahido todo o liquido passa-se a transportar a polpa, ou Anil, depositado no fundo do tanque, para dentro do armazem, onde se vai continuar a manipulação, e que fica contiguo aos tanques, e lanção-no sobre coadores de

panno de algodão hum pouco fino onde deixão escorrer a humidade durante o resto daquelle dia e noite. Estes coadores são suspendidos por cima de vasilhas em que escôa o liquido a fim de se poder rehver alguma porção de Anil que possa filtrar pelo panno; o são feitos em forma de sacco pregados nos quatro cantos de hum quadrado de madeira, fornecido de quatro pes de altura conveniente.

A primeira operação no dia seguinte é a transferencia da massa do Anil meia enxuta para hum tacho de cobre, onde lhe ajuntão huma porção de agua limpa, e collocão o dito vaso sobre o fogo, deixando que a massa levante de vagar a fervura mexendo bem o liquido com huma espátula de páo para incorporar o Anil com a agua.

Em quanto a massa vai gradualmente recebendo o calor, desenvolve-se huma escuma na superficie que vão tirando com escumadeiras; e logo que apparece a fervura, retiram o taxo ou apagão o fogo, e deitão huma pouca de agua fria no sobredito taxo para fazer prontamente cessar a effervescencia deixando repousar tudo, e quanto baste para que se precipite o Anil, que quando assenta no fundo tirão a agua do taxo pela torneira de que é munido para este fim. Do taxo é levado outra vez o Anil aos escadores; e acabando de filtrar a agua dividem a massa em pequenas porções amassando bem cada porção nas mãos, ou batendo-a por algum tempo com huma especie de palmatorias sobre pedras lisas ou sobre pranchões para fazer sahir algum resto de ar que possa conter.

Daqui leva-se o Anil ás caixas de compressão, que tem geralmente quatro a seis pollegadas em quadrado, e duas e quarto de fundo; e por meio de huma imprensa de parafuso, ou de hum arrócho exprime-se todo o resto do ar, ou de agua que ainda possa conter. Seccão o Anil á sombra para que não rache; e quando estiver bem secco,

que se conhece por ter acabado de diminuir em extensão e pezo, mettem-no em caixotes para ser conduzido ao mercado.

Naquelle paiz a conducção é quasi toda por agua havendo o commodo de rios navegaveis: porem em Minas, e nas outras provincias centraes do Brazil, o transporte sendo de outra natureza, convem preferir os surrões, ou saccoes de couro, forrados de panno de algodão, que não excedão o pezo conveniente para formar a carga de bestas muares.

É preciso advertir que escapando alguma parte da materia colorante dos escoadores, ou do taxo pela torneira ajuntão-na de novo, e tornão a co-la para aproveitar a fécula. Por isso é tambem mui proveitoso pôr hum recipiente sob a torneira do taxo para recolher aquella parte da fécula, que alias se perderia.

No Egypto extrahem a fécula da planta por hum methodo muito mais simples e menos laborioso. Estando a planta perfeita, cortão diariamente huma porção della perto do chão quanto empregue o serviço de 4 a 5 homens.

Deitão a planta em caldeirões cheios de agua, e fazem-na ferver por tres horas. Depois baldéão para outros recipientes esta agua impregnada da fécula, que se destaca da planta na acção de ferver. e batem-na com pás de páo até verificar-se a precipitação das particulas colorantes; deixao repousar o liquido, deitão fóra a agua, e fazem seccar o Anil á sombra.

Por este simples processo de ebullicão conseguem em poucas horas sem inconveniencia com pouca despeza, e menos trabalho o mesmo effeito produzido pela fermentação; e nunca perdem o producto da colheita como ás vezes succede nos paizes onde a planta é submettida a fermentação logo depois de colhida.

## COLHEITA DAS SEMENTES

Todos os cultivadores reservão huma porção sufficiente da planta para produzir as sementes, que lhes são precisas para a seguinte cultura; e para isso escolhem as plantas mais vigorosas, e fazem a colheita das sementes logo que as bainhas ficão pretas, sem as deixar seccar na planta: por que da bondade da semente depende em grande parte a bondade da futura colheita do Anil, quer seja em quantidade, quer em qualidade.

## OBSERVAÇÕES FINAES.

Como o genero, que acabamos de descrever tem sido até ao presente pouco cultivado nesta provincia de Minas, e certamente não tem sido considerado como objecto de producção para figurar no nosso commercio de exportação, de que poderia formar huma interessante parte, e que talvez venha a formala, julgámos conveniente offerecer a nossos leitores os diferentes methodos praticados na cultura e manipulação da planta, afim de proporcionar aos nossos agricultores os dados necessarios para poderem por meio de experiencia propria, a respeito de cada hum desses methodos, vir no conhecimento completo de qual delles seja mais conveniente e proveitoso seguir, tanto pelo que é relativo á natureza do clima do local exposição, e diversas qualidades do terreno, bem como ás suas respectivas forças.

Por tanto chama-se de novo a attenção dos habitantes de Minas a este ramo de industria; e possa este pequeno trabalho ser bem acolhido e produzir aquelles ensaios, que invocamos, e que não poderão deixar de operar o desejado fim, isto é, vermos o genero Anil de superior qualidade produzido, e exportado de Minas Geraes em avultadas porções, em proprio proveito dos agricolas, e por consequencia da provincia em geral.



## A PRIMEIRA MENTIRA.

« Bofé! dizia Anatole de Courtenay, joven official de artilharia, ao sahir de casa de seu coronel, muito me lisongêa seguramente este signal de confiança, mas não me importaria que outro fosse o honrado. Escolher-me agora para esta missão! a mim, casado ha apenas tres mezes, mandar-me a Marselha! Separar-me dessa amavel menina que he toda minha vida! Sem o temor do ridiculo, eu teria dado minha demissão. Em verdade, não me conheço: até aqui foi o amor para mim cousa de brinco; oreio que agora se vingá, e confesso-me vendido. Quem o não seria por Lucy, esse thesouro de graças e de candura? Nada menos era necessario do que esse anjo de pureza para sanctificar-me depois de minhas aventuras de guarnição. Ella não sabe que conversão fez, que existencia desonheida me revelou! Sim, Lucy, devo-te hum mundo de poesia, de sentimento e delicadeza. A ti todo meu respeito, a ti todo meu amor! e vou deixa-la só, affligil-la. deixa-la só em Paris, não he talvez muito prudente... tão bonita, tão moça, tão engraçada!... Mas ella me ama de todo seu coração de moça ingenua, e nada me occultará... Demais, minha ausencia não será longa; escreverei muitas

vezes, todos os dias. Lucy fará o mesmo, e dar-me-ha conta de suas accões sem que eu lh'o peça. A desconfiança seria huma profanação... Agora he preciso fazer la consentir nesta partida. Pobre anginho que o não espera.. O diabo leve a commissão! »

Depois de muitas preparações, Mr. de Courtenay acabou por dizer á sua mulher a terrivel necessidade que o obrigava a partir. Lucy chorou, Anatole não poupou consolações; depois separára-se Mas o viajante não estava ainda em metade do caminho quando huma contraordem o fez voltar para Paris, e abençoar seu destino e seu coronel. Era com estremecimientos e exclamações involuntarias que Anatole, correndo a posta, pensava na alegria de rever e surprender sua querida solitaria.

Quando chegou á sua casa, em huma das primeiras manhãs de novembro, Mme. de Courtenay não estava levantada. Elle entrou sem rumor em seu quarto, e acordon-a com hum beijo. Ella deo hum grito, e abrindo os olhos, disse levantando-se como para certificar-se-melhor da realidade de sua visãõ:

— E's tu, Anatole! Que! já de vol-

ta! Não te esperava ainda!

— Também não cuidava que tão cedo te abraçaria, minha bella. Voltei por ordem do coronel, e impaciente corri sem huma hora de descanso. Que fizeste, aujo querido, depois da minha partida?

— Estive muito triste, respondeo Lucy fazendo hum biquinho, que a tornava encantadora.

— Disso estava eu bem certo, tornou Anatole beijando a de novo. Não sabes divertir te sem mim, boa Lucy, nem eu sem ti. E recomencarão as caricias.

Quando Anatole satisfez os primeiros transportes, sua attenção mais livre dirigio-se para outros objectos. Sua ultima carta estava aberta em cima de huma mesinha de taca que havia no meio da camara; as flores murchas nos vasos, as serpentinas sem logias, huma especie de abandono geral testemunhava o pouco cuidado que se tomava deste templo, cujo deos estava ausente. Anatole sentia huma satisfação misturada de enternecimento, e não podia deixar de exprimi-la. Chegando-se para huma estante sobrecarregada de numerosos objectos de fantasia mais ou menos grotescos ou curiosos, vio o oculo de Lucy posto na primeira prateleira.

— Foste hontem ao theatro? perguntou.

— Não, meu amigo, respondeo Lu-

cy a toda pressa.

E entretanto ella tinha ido!

Anatole não insistio; porém Lucy ficou confusa.

Tão depressa pronunciou esse não fatal, como logo se arrepedeo: todavia huma vergonha falsa a impedio de retractar-se. Sua falta lhe pareceo irreparavel desde o primeiro momento; por nada quereria confessar-la a seu marido. De mais, que confiança lhe prestaria elle se soubesse que ella o havia enganado em qualquer occasião, e com qualquer intenção que fosse?

Huma mulher que Mr. de Courtenay não gostava que andasse em companhia de Lucy, Mm. de Boisjoli, viuva de hum official general, tinha vindo busca-la para irem ao theatro francez ver Rachel em *Andromaca*; Rachel, de quem se entretinha todo Paris, e que ella não tinha visto ainda. Não havia mal nisso. e se tivesse tido tempo para reflectir. Lucy não teria feito desse divertimento hum mysterio. He verdade que essa representação a tinha interessado muito, e que as mais delicadas attensões de Mr. St.-Elme, cavalheiro assiduo de Mm. de Boisjoli, tinham sido dirigidas a Mm. de Courtenay. Habitudo ás phrases pretenciosas, ás admirações exaggeradas, à sensibilidade de convenção das mulheres que querem fazer effeito, Mr. St.-Elme havia seguido com vistas de satisfação, até poderia dizer amorosas, as

candidas e silenciosas que se pintarão na physionomia intelligente e apaixonada de Lucy; se porém a santa candura dessa angelica menina não foi bastante para desviar qualquer pensamento culpado, a presença de Mm de Boisjoli conteve ao menos sua expressão; e Lucy, commovida com as dores ciosas de Hermione, não percebeo o effeito que ella causava. A propria Mm de Boisjoli não deo fé disso. Não havia portanto, depois dessa noite, no coração da moça, algum sentimento, algum instincto de agradar que devesse occultar a seu marido. Ella tinha apenas 17 annos; seu espirito prompto e simples não conhecia rodeios, e se nessa occasião havia faltado a seus habitos de sinceridade, era por temor irreflectido de aguar a alegria de Anatole, confessando-lhe huma distracção em companhia de pes-soa que não era de seu gosto.

Não sabendo como havia dissimular a perturbação que ella não podia vencer, chamou sua criada para ajudala a levantar-se. Julia appareceo.

— Dai-me o meu roupão azul.

— A costureira o mandou buscar hontem em quanto a senhora estava fóra, para pôr-lhe guarnição nova conforme a ordem de minha ama.

— Está bom, interrompeo Lucy com impaciencia, dai-me outro.

— Ah! tu sahiste hontem, perguntou Mr. de Courtenay.

— Sahi, respondeo Lucy com um pouco de hesitação, fui a casa de Mm-Desoars.

Esta segunda mentira era forçada pela primeira.

Julia voltou para vestir sua ama; Mr. de Courtenay sahio. Depois que Lucy se vestio a *negligé* com galanteria foi logo reuniu-se a Anatole que estava no camarim. Hum bello fogo ardio no fogão e aquecia o viajante. Ao sentar-se junto da chaminé. Hum criado entrou e entregou-lhe hum bilhete; percorre-lo rapidamente, amantta lo entre os dedos e atrá-lo ás chamas, tudo foi feito em hum instante.

— Que carta he essa que tanto parece zangar-te? perguntou Anatole.

— Não, não me zanga... acho-te hum pouco curioso.

— Não ha curiosidade entre aque'les, que não tem segredos.

— Podem-se ter alguns muito innocentes, nas esta carta não he segredo respondeo Lucy que já tinha tido tempo de tranquilisar-se: he de Amelia que me convida para jantar, julgando que estou só; mas como chegaste, não irei.

— E porque não iremos juntos? Manda dizer a tua prima que iremos ambos.

A carta, como se pôde advinhar, não era de Amelia. Tres!

Tudo parecia ligar se contra a pobre

moça. Mm. Descars, com que Lucy dissera que havia passado a noite da vespera, e em cuja casa ella devia realmente jantar nesse dia, prevenia a, por esse bilhete mandado pela posta, que tendo inopinadamente necessidade de ir ao campo, tinha partido no dia precedente e não teria o prazer de recebê-la. Compreende-se a perturbação que deveria causar a Lucy este testemunho temível, e o movimento quasi involuntario que lhe tinha feito atirar ao fogo a carta accusadora.

Depois do almoço, Anatole retirou-se para tomar algumas horas de descanso; e Lucy, cujo tormento augmentava pensando em quanto a podia confundir, aproveitou-se desse tempo para ir prevenir sua prima e Mm. de Boisjoli. Que embaraço! que vergonha! Contar-lhes que havia mentido e implorar o auxilio de sua complicitade! Mas se assim era preciso, que remedio? A pobre Lucy nunca se tinha visto em tal perplexidade. Mette-se na carruagem, apressa o cocheiro, chega a porta de Mm. de Boisjoli. — A senhora sahio!.. Que fatalidade! Lucy escreve-lhe estas poucas palavras, nas quaes se revela sua perturbação:

« Senhora, Mr de Courtenay está de volta. Julguei que lhe devia occultar o emprego que fiz hontem da noite: tende a bondade de não dizer que a passamos juntas no espectáculo. Perdoai-me, e não me julgueis com muita severidade »

Restava Amelia. Se ella tambem estivesse ausente, se estivesse convidada para jantar! Como sahiria desse novo embaraço? Os minutos parecião seculos á impaciente Lucy, cuja imaginação augmentara por tal fórma a falta occorrente, que sua consciencia não teria mais terror de hum crime. Felizmente encontrou sua prima. Tudo se arranjou como podia desejar, e ella voltou para casa mais tranquila, porém muito abatida por tamanha agitação.

Anatole parecia taõ venturoso, que ella tranquillou-se hum pouco, e voltou a casa de sua prima quasi socegada. O jantar foi alegre; não haviaão pessoas estranhas. Lucy tinha já esquecido suas inquietações, quando annunciaraõ a chegada de Mr. St-Elme: este nome tornou-lhe todas as suas angustias. O inoportuno visitante compareceu. Mr de Courtenay por sua volta inesperada. Lucy seguia-o com os olhos, escutava suas menores palavras, e procurava o meio de prevenir qualquer allusão delatora. Em presença deste perigo imminente so havia salvação em huma resolução extrema. No cumulo da anxiedade Lucy não hesitou, e aproximando-se da chaminé diante a qual estava Mr. St-Elme, aproveitou as primeiras palavras que elle lhe dirigio, para dizer-lhe rapidamente e em meia voz:

— Não digaes que me viste hontem no espectáculo.

A expressão de surpresa que estas

palavras e o olhar que as acompanhava parecião produzir em seu intrelocutor, augmentou a confusão de Mm. de Courtenay; e retirando-se logo, foi occultar seu rubor por detraz de algumas mulheres que estavaõ reunidas a hum canto do salaõ.

Mr St-Etme tinha 35 annos pouco mais ou menos, sabia viver, e tinha em si imperturbavel confiança, e a explicação que dava a esta confidencia não lhe era desfavoravel. Não era homem para desprezar huma vantagem de posição, sobretudo para com Mm. de Courtenay; e com galanteria que não estava isenta de fatuidade occupou-se della todã a noite. Lucy não pôde deixar de observa-lo, e seu embaraço augmentava-se pela situação equivocada em que se tinha collocado. Esta noite deixou-a descontente de si mesma, e penosamente preocupada.

No dia seguinte esperava-a novo suspicio. Anatole, querendo causar-lhe agradável surpresa, mandou alugar hum camarote no theatro francez, e annunciou-lhe ao almoço que iriaõ á noite ver Rachel. Ficou admirado do modo por que foi recebida esta noticia: Lucy temia o papel de dissimulação que ia ser-lhe imposto por muitas horas.

— Eu julgava dar-te prazer, disse Anatole, mas vejo que enganei-me. Que tens? estaràs incommodada? Não te acho esta manhã com teu humor ordinário.

— Tenho huma dor de cabeça desesperada. Perdoa-me, por tua bondade, bem vês que não posso deixar de agradecer tantos desvelos; perdoa-me, Anatole!

Enternecida e arrependida, Lucy ia revelar a causa de sua perturbação; ella levantou para seu marido olhos cheios de lagrimas.

— Que he isso? disse Anatole. Ora pois, não sejas criança, não chores. Quero que me mostres já hum rosto alegre: não quero outro agradecimento nem outra recompensa. Occupar-me de teu prazer não he tambem pensar no meu? Sê feliz e alegre, e ver-me has sempre contente.

Esta interrupção conteve a effusão de Lucy. De que serve, disse ella consigo, importuna-lo com minhas crianças? Guardarei para mim os cuidados que creei. Demais, passada esta noite voltarei a mim, e me livrarei do ultimo embaraço em que me lança meu pouco juizo, e não ficarei comprometida para com elle. Ella fez esforços por mostrar-se tranquilla e satisfeita.

— Teràs acaso, perguntou Anatole, algum desejo que eu possa satisfazer como presente de minha boa chegada? Aquella linda touca de veludo e renda preta com que hontem andava tua prima — parece-me que diria muito bem em teus cabellos louros. Muito estimaria que te penteasses assim esta noite. Que dizes?

— Não bem fácil, respondeu vivamente Lucy abraçando Anatole; terei humo igual dentro de duas horas. Eu não queria dizer que a desejava, mas tu sempre adivinhas.

— Sempre? repetio Anatole com hum sorriso e fitando nella os olhos. Ao menos tenho desejo, aeresentou beijando-a na testa.

Estas palavras, e o tom de Mr de Courtenay foram para Lucy hum novo motivo de sustos. Teria elle sorprendido sua perturbação interna?

Elle passou humo parte do dia estudando o que faria de noite. O prazer que Anatole lhe queria dar era hum pesadelo.

Nesse comenos chegou Mm de Boisjoli; a carta de Mm de Courtenay havia excitado sua curiosidade: ella ficou alegre por encontra-la só.

— Emtão, cara amiga, disse ao entrar que ha de novo?

— Ah! senhora, exclameu Lucy sem responder-lhe, como sois boa, que me viestes ver! Que pensastes de mim?

— Nada que não seja muito simples, menina. Mr de Courtenay está inquieto, despota, marido emfim; e vós temestes ser reprehendida. Tranquilisai-vos, que não sereis trahida.

— Mas, senhora, eu não me queixo de Anatole, he de minha parte hum tempo exagerado.

— Entendo; hum marido amoroso tem algum direito à indulgencia. Todavia ide desde já euilando que o amor passa e que o despotismo fica: não vos deixeis enterrar viva.

— Asseguro-vos que Anatole não he despota, e não me enterra. Pelo contrario procura todos os meios de me distrahir e de fazer-me feliz.

— Sim, minha menina, porque hoje seu prazer está de acordo com o vosso; porém quando lhe aprouver distrahir-se sem sua mulher, nem por isso autorisarà que esta se divirta sem ser em sua companhia; e quando vossa presença não lhe agradar, correis o risco de enojar-vos.

— Oh! Anatole nunca mudarà para mim, nem eu para elle.

— Assim o desejo. Comtudo não desprezeis meu conselho, e lembrai-vos que se Mr de Courtenay, ciumento hoje como marido e como anante, só o fosse a titulo de marido, pôde ser que vos arrependais de vossa condescendencia. Póde-se, deve-se poupar a susceptibilidade de hum marido em interesse da paz interna e da propria consideração, sem sacrificar toda a liberdade. Fallo-vos por experiencia, eu tinha posto Mr. de Boisjoli em bom costume.

Mm. de Boisjoli teria fallado mais tempo sem ser interrompida: Lucy estava como interdita, e não a comprehendia, mas sentia-se offendida no que

sua justiça e afeição tinhaõ de mais generoso e mais delicado. Ella era a unica culpada, e Anatole era o accusado. Amedrontavaõ-a com tristes previsões, inquietavaõ-a à cerca da duração de hum sentimento que vive pela fé de sua eternidade. Seu nobre coração se revoltava. Timida porém ante huma mulher taõ experimentada, que de mais possuia seu segredo, ficou silenciosa. Mm de Boisjoli fallou de outras cousas e pôz logo termo à sua visita.

Chegou a hora tenida do espectáculo. Luoy, mais pensativa e mais pallida do que costumava, não estava menos bella.

— Estou com má feição, me parece, disse a Mr de Courtenay que vinha dar-lhe pressa. Que dizes?

Anatole admirou o corpo delicado coberto com hum vestido de seda roxa, a engraçada ointura meio-encoberta por huma renda preta, e leuvcu particularmente o penteado que completava seu *toilette* de bom gosto, e fazia sobressahir com tanta vantagem as côres prateadas de seus bellos cabellos loiros. Passou tudo em revista com complacencia, e não lhe escapou o leque que Luoy tinha na mão.

— Que leque taõ velho he este? por que não levas o ultimo que te dei?

— Este está muito bom.

— O outro seria melhor, e eu esotimaria que fosses com elle. Queres que chame a Julia?

— Não, disse Lucy com voz impaciente, he inutil. O outro leque está quebrado; mandei-o concertar.

O leque não estava quebrado: ella o havia esquecido na carruagem de Mm. de Boisjoli. Parecia que as mais pequenas circumstancias se reunião para tortura-la. O não irreflectido que lhe parecêra sem importancia fazia de sua vida hum suplioio, e quanto mais mentiras accumulava á primeira, menos lhe parecia possivel huma confição.

Inquieta e envergonhada pelo constrangimento a que se via reduzida durante a representação, Lucy não se sujeitava ás illusões da scena. Mr. de Courtenay a achava tria e distralida. Peor foi quando, no fim do primeiro acto, ella vio em hum camarote visinho do seu a Mm Descars, cuja volta ignorava, e que com huma palavra podia derribar esse pequeno edificio com tanto trabalho levantado. Seu primeiro pensamento foi sahir com Anatole: a repentina pallidez que cobrio seu rosto permitia-lhe pretextar huma indisposição; mas hum instante de reflexão a fez desejar ver e prevenir aquella que podia confundir-la e que o acaso lhe enviava. Insistio portanto para ficar, quando Anatole, vendo-a pallida, lhe propoz a retirada para casa. O sentimento impresso em suas feições servio-lhe de desculpa para o resto da noite.

Depois da tragedia, Mr. de Courtenay foi visitar Mm. Descars ao seu

camarote, onde a encontrou só. Anatole, tendo encontrado hum conhecido no corredor, demorou-se, e Lucy pôde logo á primeira vista explicar sua situação perplexa e o que esperava de hum amiga. Mais idosa que M. de Courtenay, recommendavel por seu procedimento e por seu character, M. Descars tinha o direito de aconselhar, e usava d'elle com prudencia e benevolencia.

— Minha querida menina, disse-lhe, vejo-vos com pezar nessa estrada tenebrosa; mas seria muito mal feito, accrescentou, sorrindo-se, pregar vos hum sermão quando pedis hum obsequio. Vejo demais que a lição vos custa bem caro e que não será perdida.

Com a coragem do perigo, Lucy tinha sido clara e breve; o silencio estava promettido, e ella respirava depois de tantas emoções successivas, quando Mr. de Courtenay entrou com dous parentes de Mm. Descars que a tinham acompanhado ao espectáculo. Tinha-se representado *Bajazet* e estabeleceu-se o paralelo entre Roxana e Hermione; e não foi sem risco para Lucy, á qual dirigirão-se muitas perguntas, e foi obrigada a renovar sua mentira em presença de Mm. Descars, e a responder, não sem corar, que era a primeira vez que via Rachel; mas só achou recurso na fugida quando ouviu o irmão de Mm. Descars dizer a Mr. de Courtenay:

— Eu prefiro Rachel em Hermione, e se minha irmã não tivesse estado no campo...

— Tu não sabes o que dizes, interrompeo Mm. Descars rindo-se, e não vêes que Mm. de Courtenay espera que lhe dêes a mão.

Lucy se tinha levantado com effeito como por hum movimento involuntario, e sahio do camarote mais inquieto do que tinha entrado. Anatole entretanto não tinha reparado nas ultimas palavras que tanto haviaõ assustado a Lucy. Muito occupado da jovey tragica, não tinha felizmente ouvido senão o juizo que della se fazia; e a interrupção de Mm. Descars lhe parecêra simplesmente a expressão de huma opinião contraria. Porém Lucy, depois de tantos abalos, não podia mais tranquillisar-se: ella receava de tudo e de todos. Tantos incidentes pequenos tinham vindo complicar hum a falta a principio ligeira, que ella começava a envergonhar-se de si mesma, e não via meio de sair da senda de mentiras em que tinha entrado.

No dia seguinte, Mr. St. Elme se apresentou de manhã em casa de Mm. de Courtenay. Anatole estava ausente, e o visitador tinha hum pouco confiado nisso. Lucy, admirada, hesitou primeiro em recebe-lo; depois, lembrando-se que estava á discreção d'elle, e temendo descontenta-lo, deo ordem que o fizessem entrar para o salão, e ap-

pareceu immediatamente.

Mr. St. Elme saudou-a com ar que procurava tornar tímido; porém desembrasaçou-se logo, entregando-lhe o leque que encontrou na carruagem de Mm. de Boisjoli:

— Aqui vos trago, senhora, disse elle com tom de confiança, a testemunha *muda* (carregou nesta palavra) de huma noite de que não posso perder a memoria. Outras testemunhas não serão menos discretas.

Lucy, sem levantar os olhos e sem proferir palavra, fez hum movimento de cabeça que indicava hum agradecimento.

Mr. St. Elme continuou:

— Não será mais licito esperar do acaso a volta de igual ventura? —

— Era com effeito hum acaso, senhor. Raras vezes estou sosinha, e, quando Mr. de Courtenay está aqui, não vou ao theatro sem elle

— Nem sempre elle está livre para vos acompanhar. Que mal haveria então em aproveitardes hum divertimento que se apresenta e que vos he offerecido por huma amiga?

— Nenhum, sem duvida; mas, a este respeito, nada tenho que desejar, e se julguej dever occultar a Mr. de Courtenay o divertimento que me deo Mm. de Boisjoli, foi porque elle sentiria que eu o devesse a outros.

— Sois hum anjo. Quão adoravel

he a vossa indulgencia! Não se podem dar côres mais agradaveis a hum abuso de autoridade. Feliz Courtenay, de reinar n'hum coração ao qual outros se gloriam de obedecer!

Lucy começava a sentir-se assaz embaraçada, quando Anatole entrou. Por huma delicadeza facil de comprehender, ella não se tinha dado pressa de guardar esse leque trazido com tanto mysterio, e que parecia servir de pretexto à galanteria de Mr. St. Elme; porém, à vista de Anatole, quiz pegar nelle: não tendo podido fazê-lo com presteza, sua mão estendida sobre a mesaahi deixou fioar o mal-aventurado leque. Mr. de Courtenay, sorprendido de achar em sua casa a tal hora Mr. St. Elme, tinha feito cara carrancuda. St. Elme explicou sua visita, offerecendo da parte de Mm. de Boisjoli dous lugares nos *Boisjolis* para a noite. Anatole recusou. A nuvem engrossava. No mesmo instante avistou o leque sobre a mesa:

— Ah! disse elle com hum pouco de máo humor, ei-lo de volta?

— Sim, meu amigo, trouxeraõ-m'o agora.

Dizendo estas palavras, Lucy corqu até os olhos, e lançou a Mr. St. Elme hum olhar que foi comprehendido e não escapou a Mr. de Courtenay

— Foi St. Elme que o trouxe, disse elle consigo.

O sangue lhe fervia nas arterias; elle sahio do salaõ. St. Elme se despedio

e Lucy ficou fria e passada.

Anatole, encerrado em seu gabinete, furioso e desesperado, buscou em vão ordenar hum pouco suas idéas. De repente seu espirito se pôz a cotejar varias circumstancias que lhe parecêrão gravissimas. A carta queimada, a perturbação de Lucy depois de sua chegada, a assiduidade de St.-Elme para com ella em casa de sua prima, essa distracção singular, e essa indisposição no theatro precisamente depois de elle ter insistido para que ella pegasse nesse leque, enfim esse mesmo leque quebrado, segundo diziaõ, achado ahí ao mesmo tempo que St.-Elme, e, mais que tudo isso ainda, a emoção de Lucy e os olhares de intelligencia que sorprehêra.

Que fazer para se convencer de huma desgraça que parecia mais que muito certa? Todas as idéas extremas passaram em hum momento por este espirito perturbado. Fiar-se, pedir conselho, ir ás inquirições, inquietar Mm. de Boisjoli, matar St. Elme ou morrer, confundir e desesperar Lucy, Anatole pôz tudo em deliberação. Depois ficou suspenso: a elevação de sua alma venceo a exaltação de seu cerebro. Repellio como indigno de si tudo o que não era conforme com o respeito que elle tinha á mulher que escolhiêra, a quem amava, e tambem com o que a si mesmo devia, com seu caracter de franqueza e de lealdade. Escolheo o partido mais prudente, o de conter-se, observar e

prevenir sem escandalo, se fosse tempo, a desgraça cuja supposiçãõ só lhe tornava toda a existencia. Reappareceo pois com ar que queria ser calmo; mas sua agitação era mal disfarçada sob huma apparencia de constrangimento que gelava a pobre Lucy.

Depois de alguns minutos de hum silencio de embarço, ella se aventurou; seu coração se sentia bastante puro e firme para ir ao encontro da suspeita.

— Que tens Anatole? disse ella com tom meio arrufado, meio affagador; voltastes muito amuado. Nunca, te vi ainda com semelhante humor.

— Sim, responde Anatole com ar sombrio, he preciso tempo para aprender mutuamente a conhecer-se. Faço tambem essa experiencia.

— Que queres dizer? que ha de mudado entre nós?

— Quem sabe? Não sou antes eu que devo pergunta-lo?

— Anatole, tu és injusto, disse Lucy estendendo-lhe a mão; eu sou sempre a mesma, tu só...

Mr. de Courtenay se levantou sem pegar na mão que pedia a sua.

— Basta, interrompeo elle; não peço explicação, não quero condolencias nem recriminações. Supponho que ficaréis mais satisfeita de mim, se eu acolhesse mais favoravelmente aquelles a quem honraes com particular benevolencia. Não posso prometter-vos este excesso de complacencia.

Anatole sahio pronunciando estas palavras com tom acre e caustico.

Durante esta curta conferencia, Lucy tinha tido de novo o pensamento de confessar tudo a seu marido, e de explicar assim os diversos incidentes que tinham podido originar suas inquietações; porém tendo o tom de Anatole tornado impossivel toda a effusão, ella tinha reconcentrado para o intimo de seu coração a verdade prestes a escapar-se. Sentia-se profundamente esondalisada das suspeitas de Anatole, e se maravilhava de ter elle ousado expressa-las. Sua culpa lhe parecia muito leve em comparação deste crime de lesa-confiança e de lesa-afeição. Que! pela mais simples apparencia, elle não hesitava em accusa-la, em condemnala sem ouvi-la! Infamava-a, repelliava, sem que huma dúbida, hum pesar viesse atravessar-lhe a alma! Que preoção tinha ella de se accusar com estrondo, de se embaraçar de escrúpulos por huma ninharia, quando a julgavão capaz de esquecer seu amor e seus deveres. Ambos se considerarão como victimas, e de parte a parte ficarão agastados com segurança de consciencia. A noite foi agitada; entretanto algumas horas de somno restitirão hum pouco de calma aos espiritos.

De manhã, ainda estavam arrufados; mas as disposições estavam mudificadas. Anatole sahio cedo e esteve ausente a maior parte do dia. Reflectio e deixou Lucy o tempo de reflectir.

Cada hum fez então reflexões mais justas sobre si mesmo. Se são mais graves os aggravos de Anatole, dizia Lucy consigo, os meus forão os primeiros. Não sou eu a culpada de tudo o que me acontece? Não fui eu a primeira que tive falta de confiança e de sinceridade? A intenção me justifica, mas Anatole não póde julga-la. Elle he injusto porque soffre, e he de mim que lhe vem seu soffrimento. . . Eu ia talvez dizer tudo hontem, se elle não se tivesse mostrado tão zombador e tão duro. Mas crer-me-ha elle agora? Confessar que menti não he perder o direito de ser acreditada? Escutar-me-ha somente, elle que me suspeita sem se dignar de explicar? He indigno, e eu não deveria ter o menor pezar por seu tormento.

Accusando assim alternativamente a Anatole e a si mesma, Lucy não se decidia a nada, desejava e receava a volta daquelle que occupava todo o seu pensamento. De seu lado, Mr de Courtenay se exprobrava o ter levado muito longe huma desconfiança ciosa, e sobretudo o não te-la dissimulado melhor. Tudo o que lhe lembrava da ternura de Lucy, de sua franqueza, de sua rectidão, lhe demonstrava a impossibilidade de huma traição. O que elle tinha podido surprender desde a vespera pela observação attenta desta natureza sem artificio, parecia dever confirma-lo nestas idéas animadoras. Lucy, pura e nobre menina, tinha por ventura passado subitamente da candura á impudên-

cia e à hypocrisia? E se não era merecido o ultraje que elle lhe fazia; qual não devia ser sua indignação interna?

Tinha-a repellido com dureza, sem querer ouvir huma palavra que talvez teria sido huma justificação sem replica. Entretanto, quando reunia este pequena grupo de circumstancias que tinham excitado suas suspeiças, quando se lembrava ( cousa de que queria inutilmente duvidar ) do leque achado, dos olhares e da perturbação de Luoy em sua presença, a terrivel convicção se apoderava de sua alma com a mesma força que no primeiro momento, e tudo se esvaecia.

Anatole voltou no meio destas dolorosas perplexidades. Lucy não estava só; era o dia em que Mr. e Mm de Courtenay recebião depois de seu casamento. Algumas pessoas eraõ habitualmente convidadas para jantar: amigos e conhecidos vinhaõ de noite sem convite. Ainda que Anatole e Lucy não estivessem com boa disposição de espirito no embaraço em que estavaõ hum para com outro, os terceiros, longe de encommoda los, lhes serviaõ de distração. Todavia os convivas poderãõ notar os esforços que fazia Mm de Courtenay para parecer alegre, e igualmente a attitude silenciosa e melancolica de seu marido.

Veio pouca gente à noite, e a occupação dos donos da casa não podia deixar de tornar fria huma reunião pouco numerosa, cujo encanto principal

era de ordinario huma *sem cerimonia* de bom gosto, huma alegria que não excluia nem a razão, nem o espirito. A conversação estava languida. Mm, de Courtenay tinha bonita voz; pedirão lhe que cantasse alguma cousa: ella se sentava ao piano, quando annunciãrão Mm. de Boisjoli e Mr. St-Elme. Luoy tremula se pôz a cantar com voz mal segura hum romance de Loisa Puget, que primeiro se offerreceo, e que começa assim:

Je veux t'aimer sans te le dire,  
Je veux t'aimer sans te l'écrire, etc.

Applaudirã muito; porém Anatole, que da tristeza passara ao enfadamento vendo Mr St Elme, e que julgou ver huma cousa feita de proposito neste romance, achou-o insignificante, e declarou que elle não quadrava á voz de Mm de Courtenay; depois, dirigindo-se directamente a Lucy:

— O piano não está afinado, lhe disse em meia voz; seria mais conveniente que vos occupasseis com essas cousas. Pois que nisso não euidastes, aconselho-vos de renunciardes à musica por esta noite. Pois não reparastes na discordancia? Parece que não vèdes nem ouvis nada, não pensais em nada.

Lucy ficou interdita, e este inoidente, que não passou inapercebido, acabou de gelar a companhia. Mr. de Courtenay deo ordem que se formasse huma mesa de *écarté*. O jogo fez prompta diversão, e produziu hum pouco de rumor e de movimento. A noite

te se adiantava, quando hum jogador, confundido ou cansado de huma vên de felicidade obstinada, pediu a Mm. de Courtenay que viesse combater o destino e desapossá-lo. Ella veio e triumphou da sorte: o feliz jogador foi vencido. Mr. St. Elme se apressou a tomar-lhe o lugar. Lucy empallideceu; mas todo o seu sangue lhe refuziu para o coração quando viu Anatole sentar-se a seu lado e fitar nella hum olhar cheio de ameaça. Toda a liberdade de espirito a abandonou; não vendo mais nada, incapaz de seguir seu jogo, jogava suas cartas ao acaso. Os apostadores não queixar-se, quando Anatole os prevenio com desabrida interpegação, que não teve força de conter:

— Que diabo fazeis! disse elle a J. dey com voz assomada pela colera; onde tendes a cabeça? descartais vos dos truafos. Não vedes que o trunfo he' paos e que tendes o rei? Da-me vossas cartas, e deixai a mesa; já não sabeis o que fazeis!

— Perdão, respondeo Lucy balbuciando, estou aturdida.

Os jogadores se apressarão a desculpar a distracção ou tontura de Mm. de Courtenay. Mr. St. Elme queria dar-lhe tempo para scegar-se e recomeçar a partida.

— Não, disse Anatole com tom abrangado, porém constrangido, Mm. de Courtenay não sabe jogar. Vou tomar suas cartas.

Contuso elle mesmo do indecoroso

desproposito que acabava de fazer por hum motivo na apparencia tão leve: estimava tomar certo ar pondo-se ao jogo.

Lucy se levantou, com o coração agitado, os olhos cheios de lagrimas, as mulheres que tinham ouvido o colloquio rodearão-a, e lhe testemunharão sua sympathia, cada huma conforme seu caracter.

— Eu julgava que tu tinhas hum marido modelo, lhe disse sua prima; mas elle toma o cuidado de mostrar-nos que assim não he. Peste! que amabilidade! Far-lhe-hei meu comprimento quando o vir de melhor humor.

— Oh! minha cara, interrompeo Mm. Deacars, não somos perfeitos. O casamento he huma escola de indulgencia mutua. Os homens são os mais estragados: cumpre que sejamos as mais pacientes.

— Bem lhe tinha eu dito que passaria a lua de mel, disse por seu turno Mm. de Boisjoli: ella não tinha visto ainda se não o amante; eis o marido. Pobre pequena! Confesso que eu não teria predito huma mudança tão rapida e tão completa.

Depois, voltando-se para Lucy:

— He tomar hum partido, minha cara, e espero que o tomareis.

A chegada de Mr. de Courtenay pôz termo a esta conversação. Era tarde, todos se retraião. Lucy tremia de se tornar a achar sósinha com Anatole,

receava humia tempestade terrivel, e ficou tão pasmada quão commovida de seu silencio. Elle se lançou sobre hum sofá como oppresse de fadiga e com a cabeça inclinada sobre o peito; o cotovello encostado em huma de suas mãos, e com a outra cobria a testa e os olhos.

— Bastante me contive! disse elle consigo: quanto tempo serei reduzido a este miseravel papel? Oh! Lucy, Lucy! não sabes a que tormento me eu condemno! Que vingança poderá pagar o que eu soffro? Se eu me enganasse! E o que preciso para não duvidar mais? Pois não a vi ainda esta noite commovida diante delle a ponto de me causar dô? e detive-me à idèa de huma scena publica que me tornaria rediculo se fosse fundada, mais rediculo se o não fosse!... Se o não fosse!... pobre louco!...

Enquanto Anatole assim fallava consigo mesmo, Lucy lhe considerava a pallidez e alteraçãõ do seu rosto meio escondido. Os movimentos convulsivos da mão que sustentava a testa indicavão a violencia da commoção que ella continha; algumas lagrimas abrazadoras lhe escaparão por entre os dedos. Lucy deu hum grito, e lançando-se de joelhos:

— Anatole, lhe disse com voz resoluta, eu menti, perdoa-me, vou dizer-te toda a verdade.

M. de Courtenay se ergueo como por effeito de hum abalo electrico, e

fitando os olhos em Lucy:

— Falla, exclamou, falla! Que tens que dizer-me?

Lucy, sempre ajoelhada levantou seus olhos limpidos e suas mãos alvissimas para Anatole.

— Eu te enganei, disse ella, mas tu m'o perdoarás, estou muito oruelmente punida. Minha intenção mereee tua indulgencia; sem reflectir dissimulei a verdade para te deixar gozar de huma satisfação que eu receiava perturbar. Mentí, Anatole, porém não sou mentirosa. Esta confissão tendo-se cada dia tornado mais difficil, e devendo eu faze-la agora para tranquillisar o teu amor, retive-a varias vezes com receio de assustar tua confiança. Louca que era! eu a perdia para poupa-la. Bem o vejo, tu pensas cousas que te não atreves a dizer; choras e não me interrogas.... Vou contar-te tudo; escuta-me, e nunca duvides de tua Lucy.

Esta voz firme e franca, este olhar puro e seguro, persuadirãõ Anatole, que tomou entre as mãos a cabeça da amavel menina, cobrio-a de beijos, depois, levantando-a, attrahio-a em seus braços e a apertou sobre seu coração; então somente longo suspiro se lhe soltou do peito, e, como desembaraçado de pesado fardo, deixou cabir estas palavras:

— Ah! Lucy, quanto mal me causaste! Porém perdoe-te, já me não lembro mais.

— Lembrar-me-hei eu, disse Lucy

levantando-se, e nunca mais terás motivos de desconfiar de minha ternura e de minha sinceridade! — Depois, sentando-se, proseguia: — Cunipre que me ouças, Anatole, e me acreditarás. Mereci que duvides de meu testemunho; mas invocarei o dos outros, e não me faltarão provas...

— Provas, testemunhos! interrompeo Anatole; acreditar-te-hei sem isso, sou tão feliz em crer de ti! teu coração não illudirá a confiança do meu. — E abraçando novamente Lucy com effusão, acrescentou: — Tornei a achar-te, tu me amas, nada mais quero saber.

— Quero que saibas tudo, pelo contrario, e não terei descanço senão depois que tiver tornado impossível a duvida para ti.

— Pois bem, para satisfação minha não me dirás mais nada hoje, e para tua esqutar-te-hei á manhã

### DO COSTUME DE FAZER SAUDES.

Donde provem este uso que reina em todas as Nações da Europa, de beberem á saude uns dos outros? Pareceria muito mais razoavel beber á sua propria saude. He em utilidade da propria saude que se considera que cada hum bebe, e não da do outrem. Este uso he anti-

quissimo; n'outro tempo bebia-se em honra dos Deoses e semi-Deoses, principalmente em honra de *Jupiter Sospitator*, e de outra Deosa chamada *Hygia*, que o era da saude. Os côpos, que se despejavão em honra desta Deosa chamavão-se *pocula salutaria pocula bonae valetudinis*.

Os antigos não bebião só em honra dos Deoses mas tambem em honra dos Imperadores, de seus proprios amigos, e de suas amantes. Os Gregos saudavão-se antes de beber, e dizião hum ao outro: *Gesai perfeita saude. — Vivei. — Eu vos saudo, companheiros, etc.* — Os Romanos dizião: *Propino tibi salutem! — Bene te. — Diu tibi dent qua velis. — Bene amicum.* — Ou finalmente, *bene me.*

Os christãos antigamente bebião em honra dos Anjos, Apostolos e Martires. Assegura hum historiador que n'outro tempo os povos grosseiros da Escocia não elegião os seus Bì-pos senão depois de os haverem experimentado neste artigo. Apresentavase-lhe o grande copo chamado

de S. Mago ; quando o bebião todo de hum trago , batia o povo as palmas transportado de alegria , e não duvidava que o seu episcopado fosse feliz.

Pretende-se que S. Martinho appareceu a *Olaus* para lhe fazer saber que tambem queria que se bebesse em sua honra. Depois bebeu-se em honra de S. Nicoláu e de tantos outros Santos , que esta devoção se tornou hum manancial de orgias que deo motivo a que Carlos Magno as prohibisse por huma Lei , como se lê nos seus capitulares. Antigamente quando os inquisidores querião certificar se da fé d'um christão que lhes era suspeito , dizião-lhe que bebesse em honra de S. Martinho.

As  *pocula caritatis*  erão as garrafas de vinho que os Ecclesiasticos costumavão beber no dia anniversario natalicio de seus amigos e bemfeitores. Chamavão a esta cerimonia *charitus vini* , ou *consolatio vini*. Os flamengos fundarão hum grande numero destas caridades que ser-

virão para enriquecer as abbasdias. A superstição fazia crer que os mortos gostavão que os vivos bebessem d'aquella maneira , e lê-se n'um acto da abbadia de Kedlinbourg , na Alemanha , as seguintes palavras a este respeito : *plenius inde recreantur mortui*. Tambem se pertende que alguns frades Hespanhões , praticando hum dia esta cerimonia em honra d'um de seus confrades que acabavão de enterrar , se poserão a cantar todos juntos , depois de beberem muito bem ; *viva el muerto !*

As saudes conduzião n'outro tempo a muitas extravagancias. Para fazer maior obsequio a huma senhora , o cavalheiro que propunha a saude , deitava muitas vezes no lume huma parte do seu adorno , e os outros convidados erão obrigados a seguir o seu exemplo. Hum dia , Sir Charles Sedley janton n'uma casa de pasto á mesa redonda : um dos seus amigos , percebendo que elle trazia huma gravata de renda de grande custo , fez-lhe huma saude , e ao mesmo tempo

deitou a sua gravata ao lume. Sedley e todos os que estavam á mesa, foram obrigados a seguir este exemplo: Sir Charles soffreu asperca com o maior sangue frio; com tudo disse em alta voz, que o graça não era má, mas que elle promettia, pela sua parte, tirar a desforra, e com usura.

### MAIO

Era o terceiro mez do calendario de Romulo. Segundo muitos etymologistas chamou-se *Maius*, em honra dos Senadores que se chamarão *Maioris*. Outros, ao contrario, pretenderão que Maio deriva-se do nome da deosa *Maia*, mai de Mercurio. Este mez era posto debaixo da protecção de Apollo, e personificado pela figura de um homem de boa idade, vestido com um habito largo de mangas grandes, trazendo um cestinho de flores sobre a cabeça; um pavão a seus pes, mostrava sua cauda ornada de bellas e brilhantes cores,

### JUNHO

Em latim *junios*, era o quarto mez do anno instituido por Romulo. Para explicar a etymologia do nome, suppõe-se que este mez foi consagrado seja a Juno, seja a Hebe deosa da mocidade ou seja a Junius Brutus, fundador da liberdade romana. Hum poeta latino, personificou desta maneira o mez de Junho:—

“Junho avança se despido de toda a vestimenta, com o dedo mostra hum relógio solar, para indicar que o sol começa a descer. Elle traz huma tocha ardendo para marcar o calor da estação que dá a maduresa ás fructas da terra. Detras se acra huma fouchinha, que traz á lembrança que se principia neste mez a colheita. Em fim vê-se a seus pés hum cesto cheio dos mais bellos fructos que vem na primavera nos paizes quentes,



# POESIA



## A POLKA

Qualquer acção, hoje em dia,  
 Que entre nós tenha lugar,  
 Sej'útil ou de agradar,  
 Seja boa como for;

*Não sendo d polka  
 Perde o valor.*

Muito embora se afadigue  
 Na colheita e plantação  
 Do milho, arroz e feijão  
 Diligente lavrador;

*Não sendo d polka  
 Perde o valor.*

Manobre com todo o acerto  
 A troquez e o puchavante  
 Robustissimo, pulsante,  
 E expedito ferrador;

*Não sendo d polka  
 Perde o valor.*

Seja firme no compasso ,  
Siga as leis da melodiã ,  
E os preceitos da harmoniã  
○ Menestrel de primor ;  
*Não sendo d polka*  
*Perde o valor.*

Dos objectos pittorescos  
Com seu lapis ou pinzel  
Dedusa copia fiel  
○ desenhista pintor ;  
*Não sendo d polka*  
*Perde o valor.*

Suba ao pulpito sagrado  
O rhetorico profundo ,  
E dê nova luz ao mundo  
Instruido pregador ;  
*Não sendo d polka*  
*Perde o valor.*

Tenha o liceu muito embora  
Os professores e lentes  
Sabios doutos, e prudentes ,  
E tenha austéro reitor ;  
*Não sendo d polka*  
*Perde o valor.*

Seja liso em transacções,  
Tenha sempre um só dizer  
No comprar e no vender  
O sincero mercador;

*Não sendo d'polka  
Perde o valor.*

Elabore, pela patria,  
Lei que seja apropriada,  
E ao paiz accommodada  
Prudente legislador;

*Não sendo ti polka  
Perde o valor.*

Com todo o esforço proteja,  
Empregue todo o cuidado  
No innocente tutelado  
Consciencioso curador;

*Não sendo d polka  
Perde o valor.*

Dispare o tiro seguro  
Contra aligera perdiz,  
Ou alada codorniz  
O certo caçador;

*Não sendo a polka  
Perde o valor.*

Tire d'agua para terra,  
 Na rêde, anzol ou pari,  
 Fiau, Bagre ou lambari  
 Pachorrento pescador;  
*Não sendo d polka*  
*Perde o valor.*

Ou habilmente pratique  
 A moderna homeopatia,  
 Ou antiga holopatia  
 Esculapino Doutor;  
*Não sendo d polka,*  
*Perde o valor.*

Na parochia tenha embora  
 A residencia formal,  
 A'lem da material,  
 O catholico Pastor;  
*Não sendo d polka.*  
*Perde o valor,*

(A.)



*Um D Quixote de nova  
especie. toma os castellos por estalagens*

---

Certo fidalgo muito avarento, viajava com seu filho, e não se arranchava se não em os castellos por onde passava em caminho, porque alli encontrava ceia *gratis*, com a qual se sabia arranjar para todo o dia. Achando-se o filho á mesa em huma occasião com certos amigos, e fallando se a respeito de D. Quixote disse-lhe hum maganão dos da companhia: sabe V. S a differença que ha entre seu Pai e D Quixote? *He que este tomava as estalagens por castellos e seu pai*

*Decifrações.*

O Enigma do numero 32 exprime a letra — D — A Charada he — Laranja.

---

Nesta semana publicaremos o numero 36, acompanhado do indice das materias contidas no terceiro tomo; e do 1.º de Julho em diante continuará a sair á luz esta publicação com toda a regularidade. Ouro Preto 15 de Junho de 1846.

---

O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes. A redacção desta folha occupará hum volume de 16 paginas em 4.º, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto; e fóra della 7:000 reis annuaes, e 3:500 rs por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correio. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas: as quaes todavia nao augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscrever. podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

---

o P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, rua da Giló n. 9